

## DOM PEDRO II: UM TRADUTOR *IMPERIAL*

Sergio Romanelli<sup>1</sup>

### Resumo

Neste artigo pretendo apresentar um dos projetos desenvolvidos pelo NUPROC (Núcleo de estudos de processos criativos) junto ao Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras da UFSC. Trata-se de uma investigação acerca do processo tradutório de Dom Pedro II. Os documentos de processo constituem-se de manuscritos de traduções de várias línguas feitas pelo Imperador e de cartas trocadas ao longo de sua vida com vários intelectuais europeus e americanos, além de páginas de seus diários que trazem informações relevantes acerca dessa atividade, não somente de tradução, mas intelectual *lato sensu*.

Palavras-chave: Dom Pedro II. Estudo de processo tradutório. Literatura Italiana.

### Abstract

In this article I present one of the projects developed by NUPROC (Center for study of creative processes) at the Department of Foreign Language and Literature at UFSC. This is an investigation into the translation process of Dom Pedro II. The process documents are made up of manuscripts of translations of several languages made by Emperor Dom Pedro II and letters exchanged throughout his life with several European and American intellectuals, as well as pages from his diaries that provide relevant information concerning this activity, not only translation, but intellectual broadly.

Key-words: Emperor Dom Pedro II. The translation process. Italian Literature.

O foco principal desta análise será o processo tradutório que diz respeito à tradução do italiano para o português de obras de Alessandro Manzoni (*Il Cinque Maggio*, *L'Adelchi* e *Il Conte di Carmagnola*), com o objetivo não somente de reconstituir a gênese tradutória do Imperador, mas também de entender as relações que ele mantinha com a cultura e a literatura italianas.

Pretendo traçar, através da análise desses documentos, o seu perfil de tradutor, qual sua forma de se aproximar aos textos traduzidos e analisar que lugar ocupava a tradução como atividade intelectual em sua vida, considerando também o

---

<sup>1</sup> UFSC-DLLE/PGET

contexto da época. Não se trata somente de um estudo específico de um *corpus* peculiar, mas também de um estudo de caso inserido no polissistema cultural, social e histórico do Brasil da época do Império. Não é um caso, de fato, se a tradução e o Imperador tiveram um papel fundamental na constituição da identidade cultural e social do Brasil do século XIX. D. Pedro II ou *O Magnânimo*, nasceu em 02 de dezembro de 1825. Governou o Brasil no período de 1840 a 1889 destacando-se como um grande incentivador da cultura e da educação. Além disso, tornou-se, com o passar do tempo, um convicto tradutor, guardando em seus diários não apenas observações cotidianas de tudo que o cercava, mas também traduções de diversas obras, em diversas línguas, dentre elas o italiano. Ele estudou com paixão e disciplina ao longo de sua vida e sempre encontrou amparo e felicidade na leitura e na atividade intelectual nos momentos mais difíceis de sua existência. O Imperador traduziu vários textos: em seu diário encontram-se também anotações a respeito de suas traduções e das datas em que foram realizadas, dos títulos das obras que se propôs traduzir de nomes como: Victor Hugo, Longfellow, Manzoni, Schiller, Liégeard, Homero, Lamartine, entre outros.<sup>2</sup> Dedicou-se de igual forma à troca de correspondências e a encontros com inúmeros intelectuais, poetas e escritores, de diversas partes do mundo. Por meio das cartas e das conversas obtinha informações, tirava dúvidas sobre palavras, trocava opiniões, além de receber apoio desses intelectuais que admiravam sua dedicação à tradução. E foi justamente dessa forma que ele começou a corresponder-se com o poeta e escritor italiano Alessandro Manzoni, vindo a conhecer, admirar e traduzir, por exemplo, o poema *Il Cinque Maggio*. Segundo Lyra (1938), as correspondências com Manzoni tiveram início no mesmo período que as de Alexandre Herculano e se estenderam por grande período, cerca de 20 anos. Tendo início com um simples pedido de autógrafo e algumas estrofes da ode imortal *Il Cinque Maggio* em junho de 1851. As cartas que se seguiram foram mais próximas e o imperador já mais familiarizado com Manzoni permitiu-se comparar, apreciar o poeta e sua poesia. Encontraram-se pessoalmente em 1871, em Brussaglio.

O prototexto se constitui de manuscritos digitalizados adquiridos junto ao Arquivo Histórico do Museu Imperial de Petrópolis e inclui: cartas de Manzoni a Dom

---

<sup>2</sup> Quero citar aqui o trabalho de pesquisa pioneiro de Rosane de Souza que resultou na sua dissertação de Mestrado na Pget-Ufsc intitulada *A gênese de um processo tradutório: as Mil e uma noites de Dom Pedro II*, defendida em 2010. Trata-se de um trabalho relevante, pois pela primeira vez no Brasil se analisa a atividade tradutória do Imperador, em modo específico do árabe.

Pedro II e vice-versa (15 no total); um manuscrito em italiano do original de Manzoni, uma versão autógrafa de tradução da poesia *Il Cinque Maggio* de autoria do Imperador e outra versão manuscrita de autoria do Barão da Barra; uma versão autógrafa da tradução da tragédia *Adelchi* e uma versão autógrafa da tradução da tragédia *Il Conte di Carmagnola*.

Ainda que não todos os manuscritos até aqui encontrados apresentem vestígios de algum processo de reelaboração, parece relevante apresentar ao público brasileiro esses documentos esquecidos em arquivos espalhados pelo Brasil que revelam um aspecto aparentemente pouco pesquisado do Imperador. Retomando aqui as colocações de Claudia Amigo Pino, direi que o objetivo deste estudo não é a busca de uma origem, mas sim a busca de uma escritura que “[...] apontaria simplesmente relações entre textos que pudessem dar conta de um movimento escritural”. (2007, p. 103). De qualquer forma, esta pesquisa tem legitimidade se considerarmos que temos mais que dois textos das obras em questão ainda que não pertençam sempre ao mesmo autor e não trabalha somente com os textos finais. Temos os manuscritos, tanto das obras em questão quanto das cartas, mas não sempre os até aqui encontrados (haverá outras missões em busca dos manuscritos faltantes) são suficientes para uma reconstituição do processo textual, mas é possível através do dossiê (cartas, diários e folhas soltas) reconstituir a rede que levou o Imperador a entrelaçar ligações estreitas com vários intelectuais dos quais traduziu algumas obras. Pretendo estudar essa rede peculiar no centro da qual havia o livro, objeto essencial para se defender das intempéries da vida e para se livrar de um papel que pouco lhe cabia: o de estadista. Afinal, é a leitura das obras que traduz que o leva a contatar os intelectuais ou é a amizade e o desejo de ser apreciado e de alcançar física e intelectualmente esses autores que faz com que resolva traduzir suas obras para mostrar-lhes suas admiração e também a possibilidade que o considerem um entre eles? O que me parece ao analisar seu percurso é que realmente queria ser um intelectual entre os intelectuais, ser aceito naquela que Pascale Casanova chama da república mundial das letras, que possui limites e regras próprias independentemente de papéis e procedências:

Os grandes cosmopolitas (em geral políglotas) são de fato uma espécie de agentes de câmbio, “cambistas” encarregados de exportar de um espaço a outros textos dos quais fixam [...] o valor literário. Valery Larbaud [...] descrevia os literatos do mundo inteiro como membros de uma sociedade

invisível, de certa forma “legisladores” da república das Letras. (2002, p. 37).

Dom Pedro II é um artista irreverente, mas contido pelo seu papel de Imperador; é dessa aristocracia invisível que provavelmente queria ser parte, uma aristocracia sem poder, sem títulos, uma sociedade de literatos que estabelece e consagra os grandes escritores. Escritores e tradutores têm um papel relevante e indispensável nesse novo espaço mundial estabelecido pelos textos: “Como a crítica, a tradução é por si só valorização ou consagração” (CASANOVA, 2002, p. 39). Pascale Casanova ao citar o pensamento de Larbaud lembra o papel fundamental e tríplice dos tradutores que enquanto traduzem aumentam sua riqueza intelectual, enriquecem sua literatura nacional e honram seu nome. No caso de Dom Pedro II com certeza a meu ver o primeiro ponto é mais forte e é o que decorre da análise do dossiê genético. Além disso, pretendo detectar que tipo de tradutor Dom Pedro II era, para que usava a tradução? Era um tradutor que se conformava com os padrões tradutórios de sua época e classe social ou não? Estes são os objetivos da pesquisa que vários orientandos por mim coordenados estão levando adiante analisando as traduções de várias línguas: árabe, francês, inglês, italiano, alemão, hebraico, etc. para encontrar um mínimo comum denominador nessa vasta e surpreendente atividade criativa. Existem leis e recorrências nesse conjunto de traduções? Remetem a que tipo de concepção e projeto intelectual? ou simplesmente se caracterizam como um atividade típica de um nobre do século XIX que ocupava seu tempo com literatura e línguas estrangeiras para vencer o ócio e ampliar seu conhecimento de culturas e lugares longínquos? Disso decorre a escolha do título, um tradutor Imperial, por ser um imperador traduzindo e por ser um tradutor que traduzia como fosse um imperador, ou seja, um representante de uma elite que tinha naquela época um preciso comportamento em relação à educação e ao papel da tradução e da literatura nesse processo de aprendizagem e de consolidação de suas prerrogativas privilegiadas.

Nesse sentido, o estudo na vida de Dom Pedro II ia além de uma normal rotina educacional, “Mais do que hábito, leitura e estudo transformaram-se numa de suas paixões. Enfurnado no palácio, longe dos pais, educado por estranhos [...] fez dos livros um mundo à parte, em que podia isolar-se e proteger-se.” (DE CARVALHO, 2007, p. 29). O grande isolamento e a infelicidade em que o seu precoce papel de Imperador o mantiveram, o levaram a buscar não somente

amparo na leitura mas também compensação afetiva e auto-afirmação nas intensas relações epistolares que desde cedo estabeleceu com homens e mulheres e, sobretudo, com muitos intelectuais, os únicos que poderiam compartilhar sua necessidade e sede de conhecimento naquela invisível e transnacional república das letras.

Essa necessidade de comunicação além dos assuntos políticos é testemunhada pela prática constante ao longo de sua vida de escrever diários em que anotava toda sua atividade de forma quase maníaca. Conforme relata De Carvalho “O Imperador escreveu 5500 páginas de diário, registradas a lápis em 43 cadernos.”; essas páginas se tornam fundamentais para acompanhar o processo criativo do Imperador, pois frequentes são as anotações acerca de sua atividade tradutória e acerca de livros, estudos e encontros. Nos seguintes trechos há uma confirmação da constância com que a atividade tradutória era presente em sua vida e o papel importante que desenvolvia na sua aprendizagem de línguas e culturas estrangeiras e para a sua afirmação no meio literário e não:

21 de novembro de 1872 “5<sup>h</sup> ¼. Tomei o café e vou traduzir do hebreu”.<sup>3</sup>  
18 de novembro de 1876 “Depois do almoço, enquanto não se seguia traduzi os Atos dos Apóstolos com o Henning [...]”.<sup>4</sup>  
8 de julho de 1887 [...] “3h ½ Traduzi desde 2 ½ sânscrito com o Seibold”.  
12 de julho de 1887 [...] “[sic] h ½. Acabei de traduzir árabe depois de comparar a tradução dos Lusíadas em alemão com o original e de continuar a traduzir as Mil e uma Noites no original com o Seibold”.<sup>5</sup>  
1 de maio de 1888 [...] “8h ¾ Não pude acabar de traduzir o Soneto de Manzoni falando de si”.  
“11h 40’ [...] Traduzi o soneto que Manzoni fez a si [...]”.<sup>6</sup>

Em outros diários observamos que após redigir uma primeira versão da tradução, quase sempre auxiliado por um especialista da língua e da cultura de origem, mandava transcrever a versão que, às vezes, retrabalhava; e antes disso, ou depois, conforme os casos, enviava suas traduções para amigos, intelectuais, amantes e outras pessoas, tanto para presentear-los com sua criatividade quanto para receber deles admiração, estima e um retorno acerca da qualidade de seu trabalho:

10¾ Hebraico e Camões. Estou acabando quase a comparação da tradução alemã dos Lusíadas com o original. [...] Li a minha tradução do

<sup>3</sup> Volume 14. Novembro de 1872 e Junho de 1873.

<sup>4</sup> Volume 18 2ª Viagem ao exterior – 2ª Parte (Oriente médio) 14/11 a 04/12/1876.

<sup>5</sup> Volume 27 3ª Viagem ao exterior – 1ª Parte 30/06/1887 a 26/04/1888.

<sup>6</sup> Volume 28 3ª viagem ao exterior - segunda parte 26/04 a 04/05/1888.

árabe do conto das Mil e Uma Noites, que está lendo a mulher do Mota Maia a esta e ao marido seguindo-a ela em francês, e parecendo a ambos boa a que eu fiz. Como continuei a minha tradução nesse livro em branco só lhes deixei o livro da minha tradução que está todo escrito e vou procurar o anterior para lhes emprestar também [...].<sup>7</sup>

E ainda testemunhos do despertar súbito do desejo de traduzir determinado poema, o estudo aprofundado que seguia a esse primeiro momento de estímulo criativo e, em seguida, as transcrições e o envio para amigos e confiantes em busca de um julgamento ou de uma atestação de seu trabalho, confirmando certa regularidade no sistema criativo do Imperador:

17 de maio de 1891 [...] 10 h Li pouco de poesia do Liégeard, estudando-a para traduzi-la.<sup>8</sup>

28 de julho de 1890 [...] Deu-me vontade de traduzir a balada de Schiller [...].

6 de agosto de 1890 [...] Vou à tradução do Sino de Schiller depois de ter copiado o soneto com a data de hoje para dá-lo à condessa.

16 de agosto [...] 4h  $\frac{3}{4}$  Acabei de ditar à Japurazinha a cópia de minha tradução de Schiller.

17 de agosto [...] 10h 10' Chegando à minha sala achei a Japurinha na cópia de minha tradução de O Sino de Schiller [...].<sup>9</sup>

Os diários, além de atestarem a devoção do Imperador ao estudo e às letras, permitem a reconstrução daquela particular “República das letras” internacional na qual o Imperador almejava ingressar. Para alcançar os membros dessa “República” viajou incansavelmente e quando não conseguia viajar tecia essa rede de literariedade com leituras e, sobretudo, suas cartas e traduções; a tradução se configura a meu ver como um, se não, o principal meio utilizado para ser aceito nessa comunidade de privilegiados, desde que com sua produção poética não teria alcançado o mesmo sucesso. Essa afirmação é respaldada pelo estudo genético e pela reconstituição do percurso invisível feito de encontros, sonetos, poemas, leituras, diários; uma materialidade do intelecto que os vestígios deixados nos arquivos nos permitem reconstruir. A condessa de Barral foi o artífice dessa teia de relações e também sua alma gêmea intelectual. É sobretudo no *Grand Tour* na Europa que ele encontra seus interlocutores mais importantes:

Partindo de Lisboa, visitou o norte de Portugal [...] e disparou numa maratona que o levou à Espanha, França, Inglaterra, Bélgica, Alemanha,

<sup>7</sup> Volume 35 exílio - 17/11 a 25/12/1890.

<sup>8</sup> Volume 39 exílio - 27/04 a 12/06 de 1891.

<sup>9</sup> Volume 32 exílio - 13/06 a 08/08/1890.

Áustria, Itália, Egito, Suíça, Paris. [...] A rotina da viagem era a de sempre: visitas a instituições de cultura, educação e ciência, a lugares históricos e, sobretudo, a personagens do mundo cultural. (DE CARVALHO, 2007, p. 149).

A lista de grandes nomes que encontra nessas viagens é muito relevante, mas citamos aqui Wagner, Pasteur, Hugo e, na Itália, Manzoni e Beccaria, entre os outros. A grande admiração recíproca entre ele e Manzoni e a relação intelectual e criativa é testemunhada por uma das tantas cartas que trocaram ao longo de suas vidas. Na seguinte transcrição da carta de 15/04/1853 há por sinal uma confirmação não somente da tradução, mas da discussão minuciosa que entretinham acerca do processo criativo de ambos, a saber:

Fol. 2

Non so anche come sprimerLe la mia riconoscenza, mista pur troppo d'orgogli, per l'attenzione che s'è degnata di dare ad alcuni miei poveri versi. Il cenno gentile che mi dà d'averli conosciuti fino dalla tenera età, mi spiega in parte un tale eccesso d'indulgenza. [...]  
Sono poi mortificatissimo di non poter darLe le spiegazioni che ha la somma Bontà di desiderare, e mi fa l'onore di chiedermi, intorno

Fol. 3

a quasi tutte le lezioni differenti d'alcuni versi dell'ode di cui ha voluto gradire con tanta degnazione una mia copia. Le due edizioni di cui mi fa cenno, io non le ho mai viste, e non potrei procurarmele, avendo io medesimo fatta istanza perché non fosse permessa l'entrata all'edizioni straniere de' miei scritti. La sola variante che mi sia nota, è quella del Ferve sostituito al serve. E, per non mancare all'usanza de' poeti, difenderò arditamente la mia lezione, e per il merito dell'antitesi, accenata dalla Maestà Vostra, e perché il sentimento che sarebbe espresso dal Ferve è già toccato implicitamente nelle parole ansia e indocile, del verso precedente.<sup>10</sup>

A estrofe acerca da qual discutem na carta e que apresenta em algumas edições estrangeiras variantes que tanto Manzoni quanto Dom Pedro acham duvidosas é a seguinte:

La procellosa e trepida  
Gioia d'un gran disegno,  
L'ansia d'un cor che indocile  
Serve, pensando al regno,  
E il giunge, e tiene un premio  
Ch'era follia sperar,

---

<sup>10</sup> [CARTA DE MANZONI A D PEDRO- 15/04/1853] Maço 119 – Doc 5892.

É exatamente nesse ano que Dom Pedro II traduz a ode “Il cinque maggio” que retomará em 1869 e em 1871, somente esta última versão foi encontrada no Museu Imperial de Petrópolis:

Fol. 01

Morreu e, qual marmoreo,  
Solto o postremo alento,  
O corpo jaz exanime,  
Orphão d’um tal portento,  
Assim surpresa, attonita  
A terra co’a nova está

Muda, pensando na ultima  
Hora do homem fatal,  
Nem sabe se tão celebre  
Planta de pé mortal  
Seu pó de sangue avido  
Inda pisar virá.

Fulgido sobre o solio  
Nem genio o viu; calou-se.  
Quando, por vezes varias,  
Cahiu, surgiu, prostrou-se  
A minha voz d’innumeras  
Ouvido não terá.

Virgem de vil encomio  
E de covarde insulto,

Fol. 02

Surge, abalado ao subito  
Finar do ingente vulto,  
E solta à urna um cantico  
Immorredor quiçá.

Dos Alpes ás Pyramides, \*  
Do Manzanar ao Rheno,  
Elle fuzila; e rapido  
Raio é o seu aceno.  
Troou de Scylla ao Tanais  
D’um até outro mar.

Foi vera gloria? Aos posteros  
A ardua sentença; a nós  
Curvar a fronte ao Maximo  
Factor, que d’elle apoz  
Quiz de seu almo Espirito  
Rasto maior deixar.

O procelloso e trepido

Prazer d'um grande plano,  
A ancia de quem indomito  
Serve p'ra ser soberano,  
E o é; e ganha premio,  
Que era mania esp'rar.

\*Escreto perto da Pyramide de /Ghirela/? a 5 de novembro de 1871. Nota do tradutor.

Fol. 03

Tudo provou; a gloria  
Maior depois dos transes;  
A fuga e a victoria;  
Do paço e exilio os lances;  
Duas vezes no pó infimo;  
Duas vezes sobre o altar.

Seu nome diz: dous seculos,  
Um contra o outro armado,  
Humildes vão render-se-lhe  
Como aguardando o fado.  
Impoz silencio e arbitro  
Entre elles se sentou.

E foi-se! E os dias no ocio,  
Em praia exigua finda;  
Alvo de inveja livida,  
E de piedade infinda;  
D'inextinguivel odio,  
E amor, que não mudou.

Como a cabeça ao naufrago  
A onda verga e envolve;  
Onda na qual o misero  
De cima a vista volve,  
E a divisar esforça-se  
Praia remota em vão,

Fol. 04

Tal da memoria o cumulo  
Sobre aquella alma cae.  
Que vezes elle aos posteros  
A si narrar-se vae;  
E sobre a eterna pagina  
Tomba a cansada mão!

Que vezes elle, ao tacito  
Morrer d'ignavo dia,  
Baixo o olhar fulmineo,  
Braços crusados, via

Os dias, que já forão-se,  
A mente lh'assaltar!

As moveis tendas lembrão-lhe  
Dos muros os abalos,  
Dos sabres os relampagos,  
A onda dos cavallos;  
O concitado imperio  
O prompto obedecer.

Talvez ao crú martyrio  
Cedeu o forte seio;  
Desesperou; mas valido  
Braco celeste veio,  
E para um ar mais limpido  
Piedoso o transportou.

E guia-o pelo flórido

Fol. 05

Trilho da esperança,  
Ao campo eterno, ao premio  
Que além do almejo avança;  
Onde é noite, é silencio  
A gloria que passou.

Bella, immortal, benefica  
Fé, a vencer affeita,  
Inda isto escreve: alegre-te;  
Que alteza mais eleita  
Ao destronar do Golgotha  
Jamais se prosternou.

Tu, d'estas cinzas frigidias,  
O impio fallar isola.  
Deus que te abate e eleva-te,  
Que te afflige e consola,  
Sobre o deserto thalamo  
Ao lado seu pousou.

Das outras versões não se tem ainda os manuscritos, mas somente transcrições e citações indiretas, encontradas nos livros de 1932 de Medeiros e Albuquerque (p. 42-47) e de Alessandra Vannucci de 2004 (pp. 79-80).

## **Conclusões**

O estagio ainda inicial de minha pesquisa não me permite conclusões muito mais exaustivas, até porque ainda muitos manuscritos precisam ser encontrados e ainda precisa organizar, transcrever e analisar bem os já encontrados. Certamente, o corpus até aqui mostrado, revela uma história extraordinária e invisível ou até agora pouco contada, a da tentativa de um grande homem brasileiro do século XIX de superar o seu destino ou papel que seu destino lhe dera para, através da tradução e da criação literária, chegar ao desvelar de sua verdadeira índole, a de um homem apaixonado pela cultura e pelas letras. Esse percurso até agora esquecido ou ignorado chega à luz graças aos estudos genéticos e as possibilidades que o estudo dos manuscritos em uma perspectiva genética possibilita.

## REFERÊNCIAS

- CARVALHO, José Murilo de. *D. Pedro II*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CASANOVA, Pascale. *A República Mundial das Letras*. Tradução Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- DOM PEDRO II. *Diário do Imperador D. Pedro II, 1840-1890*. Organização de Begonha Bediaga, Petrópolis: Museu Imperial, 1999.
- LYRA, Heitor. *História de Dom Pedro II, 1825-1891*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1977.
- MEDEIROS E ALBUQUERQUE. *Poesias completas de Dom Pedro II*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1932.
- PINO, Claudia Amigo; ZULAR Roberto. *Escrever sobre escrever: uma introdução crítica à crítica genética*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.
- SOUZA, Rosane De. *A gênese de um processo tradutório: as Mil e uma noites de Dom Pedro II*. Dissertação de Mestrado, Florianópolis: Pget-Ufsc, 2010, 136 p.
- VANNUCCI, Alessandra (org.). *Uma amizade revelada. Correspondência entre o Imperador dom Pedro II e Adelaide Ristori, a maior atriz de seu tempo*. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2004.